

AS TRANSFORMAÇÕES NA RELAÇÃO CAMPO-CIDADE NO MUNICÍPIO DE CANGUÇU/RS

Silvana de Matos Bandeira. Doutora em Geografia (UFRGS):
silvanadematosbandeira@gmail.com

Éder Jardel da Silva Dutra. Doutor em Geografia (UFRGS)
dutraeder1981@gmail.com

Luiz Fernando Mazzini Fontoura. Doutor em Geografia (USP)
luiz.fontoura@ufrgs.br

RESUMO

O artigo tem por objetivo identificar e analisar as principais atividades econômicas responsáveis pelas transformações na relação campo-cidade no município de Canguçu/RS. A cidade local teve, nos últimos 15 anos, um aumento na demanda por produtos diversos (automóveis, celular, roupas, equipamentos, insumos agrícolas, dentre outros) por parte dos habitantes do meio rural, o que intensificou a relação campo-cidade. Para compreender esta realidade além da aparência, entrevistamos representantes de diferentes setores produtivos do município. Foi constatado que, a partir do ano 2000, Canguçu apresentou um crescimento nos cultivos para exportação. Conhecido como a Capital Nacional da Agricultura Familiar, pela grande quantidade de pequenas propriedades, o município foi considerado ideal pelas empresas fumageiras para a expansão do cultivo de tabaco. Já nas médias propriedades, a silvicultura e a soja vêm se ampliando, em detrimento da pecuária tradicional e da produção de milho. Com a integração aos cultivos para exportação, o meio rural de Canguçu passou a estabelecer uma relação intensa com lugares distantes e de posição mais elevada na hierarquia urbana. Por sua vez, a cidade local articulou-se a esse campo dinâmico e adaptou-se às novas demandas de consumo da população rural, uma vez que, agora, esses indivíduos possuem maior poder aquisitivo.

Palavras-chave: Transformações; Relação campo-cidade; Canguçu/RS.

1 INTRODUÇÃO

Mudanças ocorridas na sociedade, como a industrialização e a globalização, contribuíram para transformações na relação campo-cidade. Os espaços rurais tiveram de se organizar ou reorganizar em relação a uma lógica hegemônica urbano-industrial. O capitalismo foi sofrendo diversas mutações ao longo da história até chegar ao modo de acumulação flexível que se dá em nível global. Assim como os espaços urbanos, os espaços rurais, que se integraram ao sistema capitalista, tiveram transformações no seu modo de vida e maior acesso ao consumo. O campo deixou de ser visto como o local do atraso, uma vez que viver nesse espaço não é mais impedimento para o acesso à informação e a produtos industrializados. Além disso, com a interação campo-cidade, os moradores do meio rural foram se tornando semelhantes aos da cidade.

Com a “revolução urbana”, explicada por Lefèbvre (2008), o epicentro das decisões se deslocou para as cidades, e estas se organizaram de forma hierárquica, subordinando também o campo, que passa a produzir para atender às necessidades ditadas pelos grandes centros urbanos. Logo, o campo não segue mais os ritmos da racionalidade da produção familiar, mas o ritmo ditado pela reprodução do capital. Se o

capital impõe que o lucrativo é plantar tabaco ou soja, os agricultores se submetem a esses cultivos, sob pena de não conseguirem mais se manter no campo em caso de recusa. Da mesma forma, eles não têm autonomia e nem poder de decisão para determinar até quando será lucrativo plantar esses produtos, ficando à mercê de fatores que não dominam.

O município de Canguçu/RS, conhecido, informalmente, como a Capital Nacional da Agricultura Familiar⁴², foi escolhido como objeto de estudo pela representatividade e singularidade das dinâmicas a serem analisadas. A síntese do trabalho pode ser expressada na seguinte pergunta: que transformações a relação campo-cidade vem apresentando no intervalo de 2000 a 2015? No item a seguir, destacaremos dados relativos às características socioeconômicas locais, bem como a localização do município de Canguçu no estado do Rio Grande do Sul.

O objetivo geral do artigo é analisar as consequências do aumento do poder de consumo da população rural para a relação campo-cidade no município de Canguçu/RS. Para atingir-se esse objetivo, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 23 canguçuenses, como comerciantes, secretários municipais e representantes de entidades. Desse modo, o trabalho organiza-se da seguinte forma, a saber: a) Introdução; b) Área de estudo; c) Procedimentos metodológicos; d) Mudanças na relação campo-cidade; e) O papel das pequenas cidades na hierarquia urbana capitalista; f) Resultados e discussões - explanação dos entrevistados sobre a relação campo-cidade em Canguçu e, por fim, as ‘Considerações finais’.

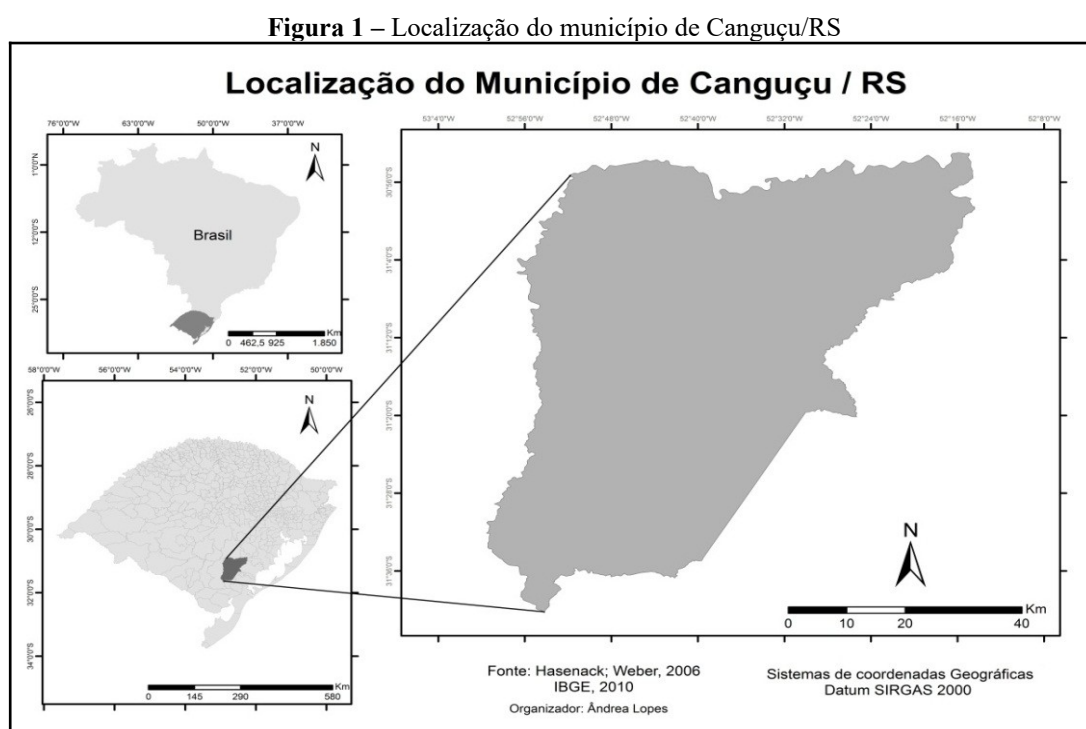
Na ‘Introdução’, ‘Área de estudo’ e ‘Procedimentos metodológicos’ apresenta-se brevemente o trabalho e os procedimentos realizados, com ênfase para a aplicação das entrevistas semiestruturadas. Ainda, com relação à área de estudo, apresenta-se a localização do município de Canguçu no estado do Rio Grande do Sul. Por sua vez, em ‘Mudanças na relação cidade-campo’, e seu subitem denominado ‘O papel das pequenas cidades na hierarquia urbana capitalista’, faz-se uma discussão com base nos principais teóricos que tratam sobre a relação campo-cidade e busca-se compreender a inserção da cidade local Canguçu na hierarquia urbana capitalista. Em ‘Resultados e discussões - Explanação dos entrevistados sobre a relação campo-cidade’, amplia-se a discussão sobre essa relação e acrescenta-se os dados da pesquisa de campo, levantados a partir das entrevistas, bem como são pontuados os aportes dos principais

42 Projeto de Lei (5.018/2019), reconhece o município de Canguçu, como a Capital Nacional da Agricultura Familiar. (Agencia Senado, 2020).

teóricos adotados nessa pesquisa e as suas contribuições para o tema. Por último, as ‘Considerações Finais’ trazem as reflexões e conclusões que a pesquisa possibilitou. Nesse ínterim, destaca-se a área de estudo e suas particularidades.

2 ÁREA DE ESTUDO

O município de Canguçu se estende por uma área de 3.525,293 km², estando localizado na latitude 31°23'42" sul e longitude 52°40'32" oeste, a uma altitude média de 386 metros⁴³, conforme mostra a Figura 1.



Fonte: IBGE, 2010. Organizado por Ândrea Lopes.

O município de Canguçu caracteristicamente conta com um predomínio de unidades familiares de produção. Segundo dados do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), em 2013, o módulo fiscal do município era de 16 ha. Considerando que minifúndio é o imóvel rural com área inferior a um módulo fiscal, em Canguçu mais de 60% das propriedades fazem parte dessa categoria. Trata-se de um dos poucos municípios gaúchos em que a maioria da população (63,02%) continua vivendo no meio rural. Além disso, observa-se que, ao contrário da maioria dos pequenos municípios, a população canguçuense voltou a aumentar nos últimos anos, isto é, houve

43 Dados do IBGE e do site da Prefeitura Municipal de Canguçu

um acréscimo de 1.812 pessoas do censo de 2000 para o de 2010. No censo de 2010, o município contava com 53.259 habitantes. Ademais, a dedicação da maior parte da população às atividades agrícolas e o envelhecimento da população no município contribuíram para que em 2015 houvesse, segundo o INSS, 19.260 benefícios em manutenção no município, predominantemente no meio rural. Destacamos portanto, *a priori*, os procedimentos metodológicos utilizados na realização da proposta em curso.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O espaço escolhido para a investigação foi o município de Canguçu/RS, com a delimitação temporal de 15 anos (2000-2015), pois percebemos que nesse intervalo de tempo o município vinha apresentando transformações aceleradas na relação campo-cidade e, desse modo, tínhamos a intenção de compreendê-las profundamente.

Foram elaboradas entrevistas semiestruturadas para entender a realidade através do método qualitativo. A entrevista semiestruturada tem a vantagem de possibilitar ao pesquisador a obtenção de informações além do previsto. Como descrito por Ramires e Pessoa (2009, p. 288): “As entrevistas semiestruturadas se constituem na interação entre perguntas abertas e fechadas (previamente formuladas), em que o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o assunto proposto de forma espontânea”. Minayo (2012, p. 64) explica que a entrevista, no seu sentido amplo, “tem o objetivo de construir informações pertinentes para um objeto de pesquisa, e abordagem pelo entrevistador, de temas igualmente pertinentes com vistas a este objetivo”.

Ressalta-se que, durante a análise das entrevistas, foi fundamental o constante retorno ao referencial teórico-metodológico, pois, segundo Lacoste (2006, p. 91), “o trabalho de campo, para não ser somente um empirismo, deve articular-se à formação teórica que é, ela também, indispensável”.

Entrevistaram-se um total de 23 pessoas para esta investigação. Os entrevistados são pessoas com destaque na sociedade local, qual seja, representantes de órgãos públicos, entidades de classe, extensionistas e outros. Os principais temas abordados nas entrevistas foram:

1. As características da relação campo-cidade em Canguçu (elevação do patamar tecnológico, bens de consumo doméstico, informatização, acesso a conteúdos educacionais, entre outras);
2. Mudanças no poder aquisitivo dos principais grupos de produtores rurais em Canguçu, e os efeitos que a renda destes gera na cidade;

Possíveis políticas públicas de intervenção para o município de Canguçu/RS (PRONAF e aposentadoria rural). Focamos a compreensão da intensificação da relação campo-cidade como um processo de consolidação das relações capitalistas, mesmo em um município de características basicamente agrícolas e familiares.

4. MUDANÇAS NA RELAÇÃO CAMPO-CIDADE

Com a mundialização do capital, alterações vêm ocorrendo na relação campo-cidade. Santos (2012, p. 61) afirma que hoje “é pouco falarmos apenas em uma cidade que tem um campo da qual depende e vice-versa”, visto que é constante o fato de o campo manter relações distantes do seu entorno. Em continuação, o mesmo autor garante que “quanto mais modernizada a atividade agrícola, mais amplas as suas relações, mais longínquo o seu alcance” (SANTOS, 2012, p. 61). Em alguns casos, há inclusive a ocorrência de um “curto-circuito” com a cidade próxima, pois a relação tradicional é rompida. Contudo, também pode ser uma oportunidade de tanto as pequenas quanto as grandes cidades se beneficiarem, pois, como refere Silva (1998, p. 78), uma vez que “o processo de modernização que se dá no campo, mesmo sendo ação do capital, é também a alternativa que a cidade encontra de articular-se com o campo”.

Antes havia uma hierarquia urbana bem definida, na qual as cidades estavam organizadas em uma escala militar ou piramidal. Hoje, essa organização é muito mais complexa, não sendo mais o tamanho e a localização da cidade os fatores determinantes para o seu nível de desenvolvimento econômico. As transformações ocorridas no campo amenizaram sua distinção em relação à cidade. Já não é possível definir um em oposição ao outro. Porém, as especificidades que mantêm possibilitam que ocorra a complementação em uma perspectiva de totalidade, na qual são indissociáveis.

Na medida em que o meio rural vai absorvendo novos costumes e se tornando consumidor tal qual o meio urbano, não é apenas a relação de proximidade que está se alterando, mas o modo de vida. A idéia de um meio rural natural e o urbano artificial perde o sentido nos dias atuais. O meio rural se moderniza na medida em que novas relações sociais oriundas da cidade se

expandem para o campo. O campo integrado na divisão social do trabalho e tecnológico, a imagem e semelhança da organização da cidade, reproduzem a organização do ritmo e da racionalidade do meio urbano (FONTOURA, 2011, p. 46).

Ao interagir com o campo, a cidade vem transformando-o através da irradiação do seu modo de vida. Abramovay (2000) já apresenta uma perspectiva distinta para interpretar o campo e a cidade que, segundo ele, não podem ser vistos como polos opostos. O autor defende que há um *continuum* rural-urbano, ou seja, trata-se de uma única realidade. “O continuum rural-urbano significa que não existem diferenças fundamentais nos modos de vida, na organização social e na cultura, determinadas por sua vinculação espacial” (ABRAMOVAY, 2000, p. 15). Há deslocamentos nesse *continuum*, ora em direção ao urbano, ora em direção ao rural.

No entanto, os próprios autores que evidenciavam as diferenças entre o campo e a cidade já previam, também, que, com o tempo, esses espaços poderiam se tornar mais semelhantes.

Se o processo de urbanização continuar e a tendência atual para a minimização das diferenças entre a cidade e o campo prosseguir, então a diferença em mobilidade, assim como todas as outras diferenças, também está condenada a desaparecer. Mas quando isto acontecer, se acontecer, significará tão somente que a própria divisão das comunidades em rurais e urbanas está acabada, e não que o traço estudado tenha sido erroneamente interpretado como um traço diferencial entre a cidade e o campo (SOROKIN; ZIMERMANN; GALPIN, 1981, p. 217).

Rua (2006, p. 84) relata que o rural e o urbano estão se fundindo sem se tornarem a mesma coisa, pois ainda conservam as suas especificidades. No entanto, o autor explica que é cada vez mais comum a presença de “urbanidades” no rural, que ocorrem principalmente através da pluriatividade ou da própria recriação do campo pelo capitalismo, que o integra à sua lógica.

As “urbanidades” decorrentes dessa interação, não serão novas ruralidades e sim, o urbano presente no campo, sem que cada especialidade perca suas marcas. Logo o espaço híbrido que resulta dessas interações, não é um urbano ruralizado nem um rural urbanizado. É algo novo, ainda por definir e que desafia os pesquisadores (RUA, 2006, p. 95).

Singer (2014, p. 8) diferencia cidade e campo no contexto atual levando em conta principalmente a sua função econômica, visto que a agricultura é uma atividade ainda predominantemente do espaço rural.

Cidade é, via de regra, a sede do poder e, portanto, da classe dominante [...]. Campo é o lugar onde se dá a atividade primária, onde o homem entra em contato direto, primário, com a natureza, delas extraindo as substâncias que vão lhe satisfazer as necessidades. A transformação final destas substâncias pode-se dar no campo ou na cidade, mas sua produção primeira, sua separação do meio natural, mediante extração, cultivo ou criação, se dá necessariamente no campo. Não importa se na cidade também vivem cultivadores, entre as atividades urbanas fundamentais não se inclui a agricultura (SINGER, 2014, p. 8).

Não obstante, essas diferenças já não estão tão separadas no espaço, isto é, temos características de ruralidade nas cidades e de urbanidade no campo. Eles são vistos como espaços indissociáveis e que se complementam, formando uma totalidade. Há inúmeras pessoas que, ao migrarem do campo para a cidade, carregam consigo o modo de vida rural internalizado e resistem ao modo de vida urbano. De forma semelhante, o modo de vida urbano tem adentrado o campo, seja através dos meios de comunicação, seja de pessoas que, cansadas da agitação da vida na cidade, buscam uma segunda residência ou um período de férias em espaços rurais. No entanto, o simples fato de estarem em um espaço rural não faz com que adotem um modo de vida rural, ou seja, são urbanitas vivendo no campo.

4.1. O papel das pequenas cidades na hierarquia urbana capitalista

Em um território, há diversos sujeitos sociais exercendo os seus papéis de atores sociais. Di Méo (2007) categoriza os atores sociais em três grupos: atores endógenos, exógenos e transicionais. Os atores endógenos são originários dos lugares onde vivem e se identificam com o seu meio. Já os atores exógenos têm um olhar mais frio e distante, ou seja, uma intenção utilitarista e especulativa em relação ao território sob sua ação. Eles agem sobre o quadro de vida dos outros e não deles próprios, em busca de lucro. O ator transacional, por sua vez, tem uma posição intermediária, tende a se integrar progressivamente ao território da sua ação, geralmente por nele habitar. Di Méo (2007, p. 11) afirma que “uma intervenção muito sistemática de atores exógenos sobre um território traz o risco de agravar os efeitos de dependência, dominação exterior, instrumentalização dos lugares pelas forças, buscar uma renda ou exercer um poder”. Portanto, a ação de cada tipo de ator tem determinado efeito no espaço.

Quando analisamos o município de Canguçu, identificamos como atores endógenos os atores locais (comerciantes locais, por exemplo), ou seja, todos os que desempenham ação no local onde vivem. Como exemplo de atores exógenos temos as

empresas fumageiras, cujos diretores residem em metrópoles. Quanto aos atores transicionais, podemos mencionar os gerentes de lojas de rede instaladas em Canguçu, que são originários de outros municípios do estado, mas hoje residem na cidade. Esses três tipos de atores têm interesses diferentes e cada um buscará priorizar os seus interesses em uma relação de troca, sendo que os resultados desse jogo de interesses se refletem no espaço local.

De acordo com Harvey (1998), a análise marxista da acumulação capitalista está associada, inevitavelmente, a uma geografia do capital, isto é, o espaço como mediação do crescimento econômico do capital. A acumulação do capital é o fator que dinamiza a sociedade capitalista e, portanto, transforma constantemente o mundo, penetrando naqueles espaços ainda intocáveis pelo capital e revolucionando antigas formas sociais. Entretanto, a expansão da acumulação do capital é um processo contraditório que ciclicamente rompe o equilíbrio gerando crise.

O capitalismo tem, como um dos seus principais aliados, as cidades. Segundo Santos e Silveira (2004, p. 202-203), o processo de urbanização brasileiro originou três níveis de cidades: um sistema metropolitano, um sistema de cidades médias e um sistema de cidades pequenas. A posição das cidades na hierarquia urbana influencia na configuração da divisão interurbana e intraurbana do trabalho. Isso significa que, nesses casos, aumentam as possibilidades de diversificação econômica em decorrência de um maior leque de profissões e, portanto, melhores condições para o desenvolvimento econômico.

As cidades locais ou cidades do campo são

[...] um pólo indispensável ao comando técnico da produção, cuja natureza se adapta, e é um lugar de residência de funcionários da administração pública e das empresas, mas também de pessoas que trabalham no campo e que, sendo agrícolas, são também urbanas, isto é, urbano-residentes (SANTOS, 2008, p. 91).

Nessas cidades, a produção regional acaba por influir sobre as iniciativas dos agentes urbanos, pois, “na medida em que a produção agrícola tem uma vocação global, esse papel político é limitado, incompleto e indireto” (SANTOS, 2008, p. 91). Nesses lugares, o “mundo” muitas vezes é visto como um inimigo e um parceiro inconstante, devido ao fato que a sua produção local tem “um mercado longínquo e abstrato, ao qual se adicionam a pressão ‘invisível’ da concorrência, juntamente com os preços internacionais e nacionais, o valor externo da moeda, o custo do dinheiro, o peso da ação e dos lucros dos intermediários” (SANTOS, 2004, p. 282). Assim, essas

pequenas cidades, e também as médias cidades, tornam-se dependentes das metrópoles, que é de onde se irradia o poder da concentração capitalista.

Nesse processo, alguns espaços agrícolas se especializam, pois as facilidades das informações, comunicações e transportes permitem que se possam buscar produtos de qualquer outra parte do país, tornando-se desnecessário produzir tudo para a subsistência. Todavia, ao especializar-se, um local perde autonomia, inclusive alimentar, e fica à mercê das oscilações e crises nacionais e internacionais.

Silva (1998), ao discutir a obra de Manuel Castells (1983), ressalta que é preciso partir da constatação de que nenhuma economia urbana, nem de uma cidade isolada nem do conjunto delas, pode ser autossuficiente. Isso porque a cidade não pode produzir nem os alimentos para sua população nem a matéria-prima para sua indústria (SILVA, 1998, p. 53). Isso comprova que o campo também é fundamental para o sistema capitalista, pois “não podendo produzir alimentos e matérias-primas, a rede urbana os capta através de seus tentáculos, constituídos pelas cidades pequenas que penetram pela zona rural” (SILVA, 1998, p. 54). Da mesma forma, essas cidades são fundamentais para o campo, cujas demandas se adaptam e fornecem-lhe insumos, informações e mercadorias industrializadas. Essas pequenas cidades têm sido analisadas com diversos critérios e por diferentes autores a fim de defini-las, pois há dúvida sobre se são realmente cidades ou se são polos rurais.

Analisar apenas as atividades econômicas é insuficiente para definir se um espaço é rural ou não, pois cada vez menos o rural está sendo associado a atividades agrícolas e, ademais, são crescentes as pluriatividades presentes nesses espaços, surgindo “novas ruralidades”. Abramovay (2000, p. 26) argumenta que “a ruralidade não é uma etapa do desenvolvimento social a ser superada com o avanço do progresso e da urbanização. Ela é e será cada vez mais um valor para as sociedades contemporâneas”. O autor também salienta que “as pequenas aglomerações urbanas dependem de seu entorno disperso para estabelecer contatos com a economia nacional e global, seja por meio da agricultura, seja por outras atividades” (ABRAMOVAY, 2000, p. 27). Assim, urbano e rural se mesclam, formando espaços ímpares que podem ser compreendidos em uma perspectiva territorial. Correa (2011) defende que as pequenas cidades se situam na confluência do urbano com o rural. No entanto, nem todas desempenham o mesmo papel na rede de cidades. O autor divide as pequenas cidades em cinco tipos ideais: os lugares centrais, os centros especializados, reservatórios de força de trabalho, centros que vivem de recursos externos e subúrbios dormitórios. No

caso de Canguçu, a cidade apresenta predominantemente características que coincidem com o primeiro tipo, de lugares centrais. Segundo Correa (2011, p. 11), esses lugares centrais

[...] na hierarquia urbana brasileira constituem centros locais, menos frequentemente centros de zona. Localizam-se sobretudo nas áreas incorporadas à industrialização do campo, áreas agrícolas modernizadas, sobretudo o Centro Sul do país. Situam-se na confluência do agrário moderno com o urbano, do qual o pequeno lugar central é a parte integrante.

O autor explica que se tratam das mesmas “cidades do campo” mencionadas por Santos (2008). Correa (2011, p. 11) esclarece, portanto, que

[...] a distribuição de bens e serviços para as atividades agrárias é a principal atividade do lugar central. Insumos, equipamentos e assistência técnica, de grande demanda por parte do mundo agrário, são oferecidos por empresas locais, fortemente articuladas às grandes empresas nacionais ou de ação global. Bens e serviços para a população agrícola e do próprio lugar central são também oferecidos.

Embora Canguçu não tenha um complexo agroindustrial local, e no campo haja ainda muita diversidade de produção (soja, arroz, milho, feijão, pecuária, fumicultura, produtos orgânicos), é na cidade — lugar central — que a maioria dos moradores do campo, principalmente os pequenos agricultores, adquirem bens e serviços, tanto para atender as necessidades das atividades agrárias como para as suas necessidades pessoais. Portanto, em fases em que o campo está com o poder aquisitivo elevado, o desenvolvimento é repercutido na cidade. Já em fases em que o campo passa por crises, o comércio da cidade sofre estagnação e decadência. Desta forma, apresentamos alguns resultados obtidos nas entrevistas, bem como suas pertinentes análises.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

5.1 Explicação dos entrevistados sobre a relação campo-cidade em Canguçu

As entrevistas, realizadas durante a pesquisa de campo no período de dezembro de 2015 a janeiro de 2016, identificaram uma série de elementos constituintes da relação campo-cidade em Canguçu/RS. Segundo os entrevistados, o município vem passando por um processo de crescimento socioeconômico, principalmente nos últimos

15 anos. A produção de tabaco, a partir do ano 2000, e o crescimento recente da produção de soja geraram progresso para o município.

Esse processo, em nível municipal, emergiu do campo com a contribuição de diversos programas do governo, destacando-se o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF) e a aposentadoria rural. Houve aumento da demanda e do acesso à tecnologia no campo, tanto para uso pessoal como para o desempenho das atividades agrícolas. Essas transformações no meio rural se refletiram na forma de crescimento socioeconômico da cidade, uma vez que é a fornecedora dos produtos e serviços à população rural que atualmente dispõe de maior poder aquisitivo. A entrevistada nº 1 comentou que a cidade estimula essa interação através de promoções nas atividades sociais rurais (Comunidade Solidária) e da Feira do Comércio, Indústria e Serviços de Canguçu, (FECICAN).

O aumento do poder aquisitivo dos canguçuenses tornou a cidade local um mercado consumidor atrativo. Devido a isso, muitas filiais de redes de varejo estaduais (Deltasul, Quero-Quero, Lojas Benoit, Lojas Becker, Hercílio Calçados, Farmácias São João, Farmácias Mais Econômica, Farmácias Panvel, Flor de Liz, dentre outras) instalaram-se na cidade para competir com as empresas comerciais locais. Entrevistados, todavia, afirmaram que a recente retração econômica, que vem afetando todo o país desde o segundo semestre de 2015, está diminuindo as vendas no comércio de Canguçu. Até então, a cidade vinha passando por uma fase de crescimento econômico que era perceptível no espaço, através da construção de moradias novas, de prédios comerciais e de, cada vez mais, filiais de redes se instalando e gerando empregos. Entretanto, na situação atual, as pessoas ficam receosas de consumir e, desse modo, o comércio da cidade está em uma fase de estagnação. Há diversos prédios comerciais por alugar no momento, sem que haja interessados.

Os entrevistados mencionaram que a facilidade de obtenção de crédito fez com que muitas pessoas ficassem endividadas. Alguns tipos de financiamento tinham um período de carência e chegou o período de pagá-los. Por outro lado, está mais difícil para fazer novos financiamentos. No entanto, muitos afirmaram que a condição econômica do município é melhor que a de municípios próximos, como Pedro Osório, Santa Vitória do Palmar, Piratini, dentre outros. Além disso, é uma condição estável, pois seu crescimento econômico não se baseia na indústria, que foi o setor mais atingido pela crise.

Por estar apoiada na agricultura, o que faz realmente a cidade sofrer oscilações são a produtividade e o preço obtido por cada safra. Se a produção do campo está passando por uma má fase, a economia urbana local também é afetada, visto que é o “colono” que movimenta a cidade com sua renda *per capita* baixa, mas bem distribuída. Em resumo, é um município que se “autossustenta”, e os efeitos da crise nacional na cidade são mais por receio dos consumidores do que propriamente por decorrências diretas. As atividades econômicas do meio rural são fundamentais para a cidade de Canguçu. O município não possui indústrias relevantes, e é a agricultura desenvolvida que faz ter um comércio dinâmico. A maioria dos empregos que a cidade oferece concentra-se no comércio, e este atende principalmente a população do campo. Assim, a cidade local é dependente do campo.

O entrevistado nº 2, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Canguçu, explica que qualquer oscilação na economia do campo, é sentida na cidade:

[...] como Canguçu é um município agrícola, de pequenas propriedades... Quem compra no comércio é essa agricultura familiar, que movimenta. Como esta agricultura está agindo com cuidado com o seu dinheiro, ela compra menos. O comerciante, empresário aqui na cidade, acaba dispensando os funcionários. Se o agricultor não gasta, vai se apertando cada vez mais (Entrev. nº 2).

Alguns entrevistados acreditam que, se houvesse agroindústrias no município para agregar valor à diversidade de produtos que atualmente são vendidos *in natura*, aumentaria ainda mais a renda no campo, e isso se refletiria na cidade. Outros entrevistados observaram que o município tem perdido divisas também de outra forma, isto é, muito dinheiro, que poderia ficar dentro do próprio município, tem “escoado” através das filiais de empresas comerciais que se instalaram em Canguçu.

Entrevistados afirmaram que, sem os consumidores do meio rural, a cidade não teria como se manter no nível em que está. A principal fonte de arrecadação de impostos do município é o comércio que, por sua vez, depende da renda da agricultura. Eles comentaram, ainda, que quando há feriado específico da colônia, tem-se a impressão de que o feriado é na cidade também. Além disso, o movimento do comércio costuma ocorrer até as 16h, horário em que começam a sair os ônibus que se dirigem ao interior do município. Outro detalhe observado pelos entrevistados é que o movimento é mais intenso até o dia 12 de cada mês, o que é atribuído ao recebimento das

aposentadorias. De acordo com o entrevistado nº 3, o capital econômico está no meio rural do município, e a cidade faz uso desse dinheiro.

Todo este comércio, a economia, é fruto disso, do consumo desses agricultores, eles que comercializam aqui, que compram aqui, que fazem toda a sua movimentação aqui. É fundamental, o reflexo é direto. E pra mim isto é um modelo para o país, viu? Acho que se nós tivéssemos... Quanto mais agricultura familiar nós tivermos no país, mais segurança alimentar nós teremos, mais autonomia, não vamos depender (Entrev. nº 3).

No entanto, os comerciantes tradicionais reclamaram que o fato de ser um mercado consumidor promissor atraiu empresas estaduais, as quais estão causando dificuldades para o comércio local. Somente permanecem no mercado os comerciantes locais que se reinventam. Eles veem as redes como um problema, pois estas “levam” o dinheiro de Canguçu para seu município sede e não reinvestem na cidade local. O aumento do potencial consumidor do município tem motivado as lojas a investirem mais na sua apresentação visual do que o faziam há algum tempo. Essa mudança, por sua vez, tem atraído pessoas de outros municípios, como Piratini e Santana da Boa Vista, a consumirem no comércio canguçuense.

Os entrevistados identificaram algumas transformações na relação campo-cidade em Canguçu, e foram unânimes em afirmar que ela está mais intensa nos últimos anos. Há uma maior demanda do meio rural por serviços (médicos, bancos, acesso às tecnologias). Por essa razão, está havendo mais valorização do homem do campo por parte dos residentes na zona urbana, isto é, aquele é mais bem recebido no comércio, pois houve a percepção de que a movimentação das vendas é causada pelas pessoas do meio rural. Antes havia muito preconceito em relação à população rural, e isso vem diminuindo. Outro aspecto que tem contribuído para intensificar a relação são as feiras de produtos alimentícios que, agora, vendem diretamente ao consumidor e promovem uma maior interação entre os moradores do campo e da cidade, com a amenização dos preconceitos e das diferenças.

O entrevistado nº 4, extensionista da Emater de Canguçu, explica a mudança que ocorreu no modo como são vistos os habitantes do meio rural.

Há alguns anos atrás seria depreciativo ser do meio rural. É do meio rural, é grosso, é colono. Eu acho que isso aí mudou. A tecnologia tá dando afirmação, os estudos, há uma certa facilidade para os estudos. Como ele está estudando mais, ele está ficando mais culto, com mais conhecimento. Então

já não é o cara aquele... O jovem que não sabe nada. Sabe e sabe muito bem. E às vezes ele pode ter mais dinheiro que o jovem da cidade (Entrev. nº 4).

Os entrevistados salientaram que, em muitos locais do interior de Canguçu, principalmente em localidades de produção de tabaco, há mais recursos do que na sede do município (eletricidade, informação, casas boas e equipadas), e, inclusive, muitos desses produtores investem na construção de imóveis na cidade. Os moradores do campo também estão mais abertos à informação. Se antes as notícias eram disseminadas apenas pelo rádio (principalmente as rádios locais, Liberdade e Cultura), hoje elas são vistas pelo telefone, pela TV a cabo e pela internet, meios aos quais os moradores do campo têm acesso. A facilidade proporcionada pelos meios de informação, comunicação e transporte torna mais frequente o contato entre os habitantes do campo e da cidade e contribui para que a população rural tenha hábitos de consumo mais exigentes. Os entrevistados também observaram que, ultimamente, a produção de soja igualmente vem contribuindo para a intensificação da relação campo-cidade, pois muitos produtores vão à cidade fazer investimentos, principalmente no setor imobiliário, e comprar implementos agrícolas.

Outros entrevistados dizem perceber uma “urbanização do campo”. Consideram como aspecto positivo o fato de que isso trouxe acesso à informação, e como aspecto negativo o fato de que o campo perde a sua “cultura” e passa a reproduzir um modelo econômico-social de consumismo. Segundo os entrevistados, o acesso à tecnologia vem “igualando” o campo à cidade e hoje é até mais comum, em Canguçu, os jovens da cidade irem para as festas do interior em vez de os jovens do interior irem para as festas da cidade.

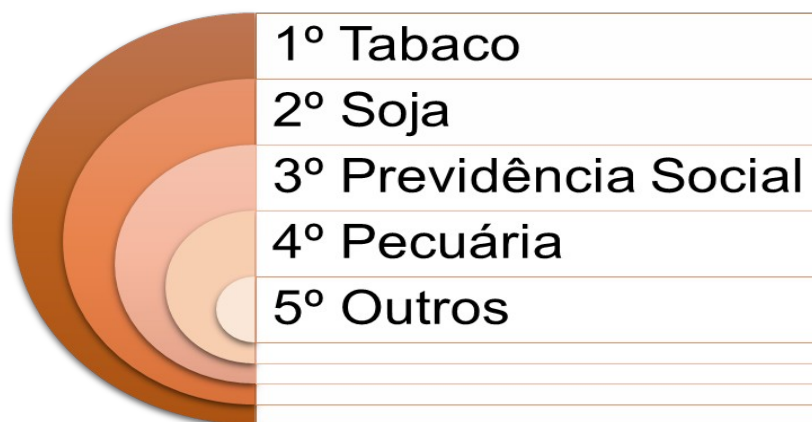
Os entrevistados comentaram que são as pequenas propriedades que ainda garantem certa diversificação da produção do município, visto que, se fossem grandes propriedades, estariam dedicadas a apenas um produto, e, em caso de algum imprevisto, todo o município seria atingido. Ademais, as pequenas propriedades familiares ocupam a mão de obra; de modo oposto ao que ocorre em grandes propriedades, onde poucos dão conta do serviço. Os canguçuenses são, ao mesmo tempo, produtores e consumidores e isso beneficia indiretamente também cidades próximas, como Pelotas, pois muitos canguçuenses também vão consumir lá.

Assim, a obtenção de uma safra boa reflete no comércio da cidade. Os entrevistados ressaltaram que se houvesse apenas grandes proprietários, talvez estes não morassem no município e provavelmente comprariam em grandes centros e fariam

outros tipos de investimentos, ou seja, não haveria tanto consumo pessoal na cidade local. Já o pequeno agricultor movimentava o comércio local, ou seja, ele vende os seus produtos e gasta na cidade.

No decorrer das entrevistas, foi possível concluir que a maioria dos consumidores que dinamizam o comércio da cidade de Canguçu desenvolvem atividades econômicas ou possuem fontes de renda que estão em ascensão no município. Na Figura 2, vemos a ordem dos rendimentos que mais se refletem economicamente na cidade de Canguçu, na visão dos entrevistados. As três primeiras fontes de renda vêm se fortalecendo no município nos últimos anos: tabaco, soja e previdência social. Segundo os entrevistados, mesmo nos tempos de apogeu no município, a renda da pecuária de corte, do milho e da policultura de alimentos pouco se refletia na cidade. Esse é um fator que ajuda a compreender por que a cidade somente veio a se desenvolver nos últimos anos, quando os produtos agrícolas para exportação se destacaram.

Figura 2 – Ordem de importância dos rendimentos do meio rural para a cidade de Canguçu



Fonte: Pesquisa de campo – dezembro/2015 a janeiro/2016.

A entrevistada nº 6, que tem proximidade com os habitantes das áreas de pecuária, afirmou que nessas propriedades há poucos moradores. Em geral, os filhos migraram para as cidades e os pais não têm sucessores na propriedade. Segundo ela, muitos que possuíam entre 20 e 30 ha arrendaram para soja e, além disso, há muitas taperas (casas abandonadas) no 3º e 4º distritos. Muitos deles já tinham casa na cidade e outros estão adquirindo agora. Em propriedades desse tamanho, já não é possível sobreviver com a pecuária tradicional, tendo em vista que os habitantes não possuem

condições financeiras e conhecimento para investir em uma pecuária mais intensiva. Somente estão permanecendo na atividade os pecuaristas que possuem acima de 100 ha. A entrevistada comentou, ainda, que o pequeno pecuarista tradicional considera mais vantajoso arrendar e viver da renda, pois, assim, em um ano, terá o retorno e, às vezes, até mesmo receberá adiantado esse valor. Caso fossem criar bovinos, levariam no mínimo um ano e meio para obter o resultado. Algumas propriedades desse tipo somente continuam com a pecuária porque a terra é inapropriada para soja.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente a relação social capitalista, para continuar se reproduzindo, exige flexibilidade e constante inovação e expansão para espaços ainda intocados pelo capital, ultrapassando limites e fronteiras de países, em um processo de internacionalização e, com isso, revolução dos tradicionais modos de vida. Nesse contexto, as redes urbanas deixaram de ter uma estrutura hierárquica definida com base nos mesmos critérios anteriores, devido às facilidades proporcionadas pelos meios de transporte e comunicação. Atualmente, o tamanho da cidade e, até mesmo a sua localização, não determinam mais o papel que ela ocupa na hierarquia urbana, ou seja, cidades menores e afastadas de grandes centros urbanos podem ter um crescimento econômico e uma importância global maior que uma cidade média, caso possuam peculiaridades que as permitam se inserir no capitalismo global.

Essas mudanças ocorridas nas relações econômicas, políticas, culturais e sociais levaram a um processo de globalização. Como consequência dessas transformações, ocorreu uma divisão internacional do trabalho, na qual os países periféricos, como o Brasil, se especializaram em exportar produtos de baixo valor agregado, isto é, principalmente *commodities* agrícolas.

A partir do ano 2000, o município de Canguçu/RS passou a integrar-se com mais intensidade a essa demanda de lugares distantes e, com isso, aumentou a sua produção de soja (exportada principalmente para a China) e tabaco (exportado principalmente para a Bélgica, a China e os Estados Unidos). Essa integração trouxe benefícios econômicos para ambas as partes envolvidas. O campo, em Canguçu, tornou-se mais dinâmico e, por conseguinte, a população rural passou a ter maior poder aquisitivo.

A pequena cidade de Canguçu/RS articulou-se ao seu entorno rural, agora integrado ao capitalismo global e com indivíduos com desejo e poder aquisitivo para consumir. Ela passou a beneficiar-se da “luminosidade” que o campo começou a emanar, pois esteve permanentemente atenta às novas demandas que começaram a surgir. Se a população idosa rural aposentada vai à cidade local, percebe que nela há diversas opções em farmácias. Se os plantadores de tabaco e soja vão até ela, têm à disposição diversas lojas de maquinários agrícolas e outros produtos voltados para a agricultura. Se os jovens rurais vão até a cidade, deparam-se com diversas opções de lojas de roupas e calçados com produtos que seguem as tendências atuais e tecnologias para uso pessoal, dentre outros exemplos. Portanto, dentro das limitações de uma cidade pequena, Canguçu supre as demandas básicas da população rural que, em sua maioria, não necessita ir a outros centros urbanos para adquirir os produtos desejados. E, à medida que essa população rural começa a frequentar e interagir com o centro urbano, além de adquirir novas tecnologias de comunicação e transporte, torna-se cada vez mais semelhante aos moradores do meio urbano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, Ricardo. **Funções e medidas da ruralidade no desenvolvimento contemporâneo**. Rio de Janeiro, 2000. Disponível em: <www.ipea.gov.br>. Acesso em 15 set. 2012.

CORREA, Roberto Lobato. As pequenas cidades na confluência do urbano e do rural. **GEOUSP – Espaço e Tempo**, São Paulo, n 30, pp.05-12, 2011.

DI MÉO, Guy. Elementos por uma geografia do espaço social. In: DI MÉO, Guy e BULÉON, Pascal. **L’espace social. Lecture géographique des sociétés**. Cap. 1. Paris: Armand Colin, 2007. Tradução por Álvaro Luiz Heidrich e Nola Patrícia Gamalho.

FONTOURA, Luiz Fernando Mazzini. Campo, cidade e a natureza recriada na artificialidade urbana. **Boletim Gaúcho de Geografia**, v. 36, pp.43-51, 2011.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. 1 Ed. São Paulo: Annablume, 2005.

_____. **Condição pós-moderna**. 7 Ed. Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Loyola, 1998.

LACOSTE, Yves. A pesquisa e o trabalho de campo: um problema político para os pesquisadores, estudantes e cidadãos. In: **BOLETIM PAULISTA DE GEOGRAFIA**, N° 84. **O trabalho e campo em Geografia**. São Paulo: AGB, jul. 2006. pp.77-92.

LEFÈBVRE, Henri. **A revolução urbana**. 3 Ed. Belo Horizonte: UFMG, 2008. 179p.

MATOS, Patrícia Francisca de; PESSOA, Vera Lúcia Salazar. Observação e entrevista: construção de dados para a pesquisa qualitativa em Geografia Agrária. In: RAMIRES, J.C.L.; PESSOA, V.L.S. (Orgs.). **Geografia e pesquisa qualitativa – nas trilhas da investigação**. Urbelândia: Assis, 2009. (pp.279-291).

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social**. Teoria, método e criatividade. 31 Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

RUA, João. Urbanidades no Rural: o devir de novas territorialidades. In: Campo – Território: Revista de Geografia Agrária, Uberlândia, v.1, n.1, pp.82-106, fev. 2006.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. 6 Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012. 132p.

_____. **Por uma outra globalização**. Do pensamento único à consciência universal. 17 Ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: Território e sociedade no início do século XXI**. 6 Ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

SENADO FEDERAL. Projeto reconhece Canguçu como Capital Nacional da Agricultura Familiar. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2020/01/13/projeto-reconhece-cangucu-como-capital-nacional-da-agricultura-familiar>>. Acesso em: 21 de Maio de 2020.

SILVA, Anelino Francisco da. **A relação cidade – campo**. Como analisá-la? Natal: Imagem Gráfica e Editora, 1998. 94p.

SINGER, Paul. Economia Política da Urbanização. 3 Ed. São Paulo: Contexto, 2014.

SOROKIN, Piritin A.; ZIMMERMAN, Carlo C.; GALPIN, Charles J. Diferenças fundamentais entre o mundo rural e urbano. In: MARTINS, José de Souza. Introdução crítica a sociologia rural. São Paulo: Hucitec, 1981. (pp.198-22).

THE TRANSFORMATION IN THE COUNTRY-CITY RELATIONSHIP IN THE MUNICIPALITY OF CANGUÇU/RS

ABSTRACT

This article aims to identify and analyze the main economic activities that are responsible for the transformations in the country-city relationship in the municipality of Canguçu/RS. The local city has had, in the past 15 years, a raise in the demand for various products (automobiles, cellphones, clothing, equipment and agricultural inputs, among others) by the countryside, which intensified the country-city relationship. To comprehend the reality beyond the appearance, we have interviewed representatives of different productive sectors from the municipality. It was verified that, since the year of 2000, Canguçu presented a growth in the exportation crops. Known as the National Capital of Familiar Agriculture, because of the big amount of small properties, the municipality was considered ideal by the tobacco companies to expand their tobacco production. Meanwhile, in the medium-size properties, the silviculture

and the soybeans have been increasing due to the traditional livestock and maize production. With the integration of the exportation based cultivation, the rural environment of Canguçu began to establish an intense relationship with distant places of a higher position in the urban hierarchy. In turn, the local city has articulated itself into this dynamic field and has adapted to the new demands of consumption of the rural population, considering that now these individuals have greater purchasing power.

Keywords: Transformations. Economic activities. Canguçu/RS.

LAS TRANSFORMACIONES EN LA RELACIÓN CAMPO-CIUDAD EN EL MUNICIPIO DE CANGUÇU/RS

RESUMEN

El artículo tiene por objetivo identificar y analizar las principales actividades económicas responsables por las transformaciones en la relación campo-ciudad en el municipio de Canguçu/RS. La ciudad local tuvo, en los últimos 15 años, un aumento en la demanda por productos diversos (Ej.: automóvil, teléfono móvil, ropas, equipos e insumos agrícolas, y otros) por parte del medio rural, lo que intensificó la relación campo-ciudad. Para comprender la realidad, más allá de la apariencia, fueron hechas encuestas con representantes de distintos sectores productivos del municipio. Fue constatado que, a partir del año 2000, Canguçu presentó un crecimiento en los cultivos para exportación. Conocido como la Capital Nacional da Agricultura Familiar, por la gran cantidad de pequeñas propiedades, el municipio fue considerado ideal por las empresas tabacaleras para éstas expandieren la producción de tabaco. Ya en las medianas propiedades, la silvicultura y la soya vienen ampliándose, en detrimento de la pecuaria tradicional y de la producción de maíz. Con la integración a los cultivos para exportación, el medio rural de Canguçu pasó a establecer una relación intensa con lugares distantes y de posición más elevada en la jerarquía urbana. Por su vez, la ciudad local se articuló a ese campo dinámico y se adaptó a las nuevas demandas del consumo de la población rural, una vez que, ahora, esos individuos poseen mayor poder de compra.

Palabras-claves: Transformaciones. Actividades económicas. Canguçu/RS.

Recebimento: 02/2019

Accite: 12/2019